APP1215-11p

Comissão dos Direitos Humanos
1996

Testemunho de Carlos Borromeu da Silva - Timor-Leste

Senhor Presidente, Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Chamo-me Carlos Borromeu da Silva e tenho 22 anos de idade. O meu pai, Domingos da Silva Carvalho é membro da Apodeti, um pequeno partido político timorense que em 1975 era favorável a integração de Timor-Leste na Indonésia. O meu pai e o meu irmão António são delegados da Apodeti. Eu fui membro da OJA, a organização de juventude da Apodeti.

Fui preso pelos indonésios pela primeira vez em 1989, quando o Papa João Paulo II visitou Timor-Leste. Tinha 15 anos. Levaram-me ao comando militar, Kodim, espancaram-me e soltaram-me no fim de dois dias. Dias depois, em 22 de Outubro, foi preso em Baucau o meu irmão Domingos, foi torturado até vomitar sangue, na cadeia chamada 'Hotel Flamboyant'.

Em 1990 a minha família foi intimidada porque mesmo os membros da Apodeti, inicialmente favoráveis à integração, manifestavam o seu descontentamento pela situação. Fui levado com quatro dos meus companheiros para a casa do comandante do Kodim, o Tenente-coronel Sirait. Ofereceram-nos vinho. Recusei beber, os meus companheiros que beberam começaram a vomitar e dois deles, Ernesto Santos e José do Rego, morreram alguns dias depois.

Em Junho voltaram a perseguir-me. Fui esconder-me a 10 km de Dili, num local chamado Lolesu. Foram em minha perseguição e atiraram uma granada numa casa onde pensavam que eu estava. Tinha os visto chegar e fugido segundos antes. Encontraram-me e prenderam-me quatro dias depois. Espancaram-me, deram-me pontapés e choques eléctricos, puseram o cano duma pistola na minha boca, para saber onde estavam alguns amigos meus.

Em Junho do ano seguinte fui de novo preso. Bateram-me novamente e mergulharam-me num depósito de água onde fazem passar electricidade.

Participei na manifestação do dia 12 de Novembro no cemitério de Santa-Cruz. Dois dos meus irmãos, João e Francisco, foram feridos; Francisco, 19 anos, foi ferido com 5 balas e levado para o hospital militar onde foi morto a facada. É um militar(indonésio que mo disse.

Fui novamente preso em Fevereiro de 1992 Fui espancado até vomitar sangue.
Em 1993 os indonésios receavam manifestações para a cimeira dos Países Não Alinhados. Fui preso como muitos outros, desterrado para Maliana e colocado no Batalhão 712, obrigado a exercer tarefas para eles.

Em Setembro de 1995 os meus irmãos Domingos e João foram presos com um dos meus amigos. Ficaram atados com algemas e sem ser alimentados para me obrigar a apresentar-me. Entreguei-me no fim de quatro dias porque receava pelas suas vidas. Fizeram-me um interrogatório sem me bater porque um sacerdote me acompanhava, e soltaram-me. Dias depois prenderam-me pela quinta vez, levaram-me para um local secreto e entregaram-me as forças especiais. Torturaram-me e, quando me levavam de carrinha, receando que me iam matar, saltei da carrinha e consegui escapar.

Depois fugi para Jacarta onde pedi asilo político na Embaixada do Japão, que recusou acorda-lo. Agradeço à Cruz Vermelha Internacional e ao Governo português que permitiram a minha saída da Indonésia.

Peço, Senhor Presidente e à Cruz Vermelha Internacional, que protegem a minha família contra represálias por causa deste testemunho. O Governo indonésio faz promessas mas não as cumpra; peço a todos os Governos aqui representados que apoiem a instalação dum centro permanente das Nações Unidas em Timor-Leste, só isso poderá dar algum credito às promessas da Indonésia.

Agradeço a vossa atenção.